

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA DE LUIZ VILELA

Prof^a Dr^a Eunice Prudenciano de Souza
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CAPES
Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Resumo: Traçamos as particularidades das protagonistas dos seguintes contos de Luiz Vilela: “Nosso dia” e “Vazio”, de *Tremor de terra* (1967), “Catástrofe”, de *A cabeça* (2002), e “Era aqui”, de *Você Verá* (2013). Em “Nosso dia”, temos o espaço patriarcal de personagem feminina submissa ao marido. Em “Vazio”, o descompasso entre homem e mulher é representado de forma trágica. Em “Catástrofe”, a voz feminina acaba por prevalecer. No conto “Era aqui”, há mensagem de esperança na possibilidade de convivência entre homem e mulher. Os contos, a nosso ver, retratam a trajetória do feminino na sociedade ocidental no século XX. Para traçar tal percurso, recorreremos a estudos históricos e sociológicos, sob a ótica de que o feminismo acarretou profundas modificações nas teorias sociais, nas ciências humanas e na organização da sociedade, questionando papéis e conceitos cristalizados. O conto de Luiz Vilela ficcionaliza esse múltiplo universo.

Palavras-chave: conto; feminismo; ficção e história; gênero; sociedade.

Abstract: We draw the particularities of the protagonists Luiz Vilela’s short-stories: “Nosso dia” and “Vazio”, from *Tremor de Terra* (1967), “Catástrofe”, from *A cabeça* (2002) and “Era aqui”, from *Você Verá* (2013). In “Nosso dia” narrative we have the patriarchal space in which the female character is submissive to her husband. In “Vazio” the mismatch between men and women is represented tragically. In “Catástrofe”, the female voice prevails. In the short-story “Era aqui” there is message of hope in the possibility of coexistence between man and woman. Those stories in our view portray the feminine trajectory in occidental society in the twentieth century. To trace this way, we resort to historical and sociological studies from the perspective that show how feminism has brought high changes in social theories, in the human sciences and in the social organization, making social roles and crystallized concepts questioned. Luiz Vilela’s short-stories fictionalizes this multiple universe.

Keywords: feminism; fiction and history; gender; short-story; society.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004), considera o feminismo como um dos grandes avanços da segunda metade do século XX, ao acarretar profundas modificações tanto nas teorias sociais e ciências humanas quanto na organização da sociedade, questionando papéis e conceitos cristalizados. Hall argumenta que *oslogando* feminismo era “o pessoal é político”, abrindo, assim, para a contestação política, novas áreas da vida social, como a família, a sexualidade, a divisão do trabalho doméstico e o cuidado com

as crianças. A partir do momento em que a sociedade sofre mudanças, há reposicionamentos e reconfigurações em vários setores sociais, definindo-se novos paradigmas. Assim, os papéis reservados a homens e mulheres, pelo discurso patriarcal, estão sendo revistos e os discursos contemporâneos promovem e preveem novos comportamentos. Hall chama atenção para o fato de que, na modernidade tardia (segunda metade do século XX) “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades”¹.

É nesse contexto que se delineaia nosso trabalho, acreditamos que os contos de Luiz Vilela – “Nosso dia” e “Vazio”, de *Tremor de terra* (1967), “Catástrofe”, de *A cabeça* (2002), e “Era aqui”, de *Você Verá* (2013) – ficcionalizam esse múltiplo universo. A análise dessas narrativas nos permite seguir a trajetória das variadas posturas femininas na cultura ocidental: da absoluta submissão aos novos reposicionamentos sociais do século XXI².

Em “Nosso dia”, do premiado livro de estreia de Luiz Vilela, *Tremor de terra* (1967), contopredominantemente estruturado em forma de diálogo, temos o espaço patriarcal da personagem feminina submissa ao marido. A mulher faz toda a preparação para comemorar o aniversário de casamento do casal. Faz um jantar especial, arruma cuidadosamente a casa e carinhosamente tenta festejar com o marido, mas este não corresponde aos anseios da mulher. O homem é rude, trata asperamente a mulher, que faz de tudo para agradá-lo. Enquanto ela feliz rememora a data do casamento como “um dia tão azul”, o homem, muito mais interessado em comer e beber, com “a boca lambuzada de gordura, os fios escuros da barba crescida brilhando” (p. 55), responde de modo monossilábico para a mulher, que insiste em puxar conversar e relembrar o dia do casamento.

O auge da irritação do homem acontece quando a mulher comenta que comprara lírios para festejar a data, numa tentativa de reproduzir o cenário do casamento. Segue diálogo agressivo, em que, claramente, o homem demonstra sua insensibilidade:

¹ HALL, 2004, p. 9.

² Para abordagem mais ampla sobre a questão de gênero na obra de Luiz Vilela, conferir: Rauer (2006), Sena (2010) e Vaz (2008).

- Já vem você... Não precisa fazer essa cara de reprovação, não custaram tão caro assim; você nem sabe quanto custaram...
- Não sei nem quero saber; estragaria minha digestão.
- Se fosse uma bebida você não falava nada.
- Claro, uma bebida...
- Mas lírios...
- Quê que eu vou fazer com lírios?
- É, você não tem mesmo sensibilidade.
- Ter sensibilidade com o dinheiro dos outros é fácil.
- Pensei que o dinheiro fosse *nosso*.
- É nosso, mas não para gastar à toa. Engraçado, então dou o murro lá na loja para você depois comprar lírios? Tem graça.³

Magoada, a mulher demonstra sua indignação, reclamando da indiferença do marido com os seus cuidados: “Foi como se eu não tivesse feito nada disso. Uma palavra, esperava pelo menos uma palavrinha sua sobre o nosso dia, uma palavra de carinho, uma brincadeira... Nada.”⁴ O homem pergunta à mulher se já acabou de falar e então pede para ela deixá-lo em paz para, em seguida, arrotar e continuar a comer.

Pelo diálogo do casal, podemos perceber que à mulher cabe o papel de dona de casa totalmente submissa às grosserias do marido. Por não exercer função remunerada, o marido a acusa de gastar à toa o dinheiro que ele custa tanto a ganhar. Na década de 60, esse era o único espaço reservado à maioria das mulheres. O homem sempre dificultou a inserção da mulher no mercado de trabalho, afinal, a partir do momento em que ela ganhasse espaço, o seu seria reduzido. Mas o direito ao trabalho remunerado – a despeito das dificuldades criadas pelos homens e a ala conservadora da sociedade – será a grande conquista para a mulher, uma forma de adquirir sua liberdade e autonomia, livrando-se da dependência econômica do marido.

No conto “Vazio”, de *Tremor de terra* (1967), em que também predomina o diálogo, é encenado o enredo de um homem que volta mais cedo para casa e diz a sua mulher que não vai mais trabalhar (“hoje e sempre”). A esposa não o compreende e o homem, estirado em uma poltrona, calado e enigmático, não chega a explicar o porquê de sua decisão. Ao perceber que o

³ VILELA, 1972, p. 57.

⁴ VILELA, 1972, p. 57.

marido não vai falar, a esposa se enfurece e lança contra ele um jarro, que o atinge no rosto, matando-o.

No início, ao notar o comportamento estranho do homem, “a mulher se [agacha] ao lado da poltrona e [passa] a mão carinhosamente na cabeça [do marido]”⁵. Depois que o marido lhe conta que não vai mais trabalhar, ela continua com sua postura moderadora e, tentando contornar a situação, sugere que ele tire férias. Ao ver que o homem continua calado, a mulher começa a perder a paciência e tenta uma abordagem mais incisiva: “– Paulo!

Ele abriu os olhos.

– Eu estou falando com você, responda!”⁶

Com o inabalável silêncio do homem, a tensão vai crescendo até o descontrole total da mulher, que revela sua ira de forma surpreendentemente violenta:

– Como é? – ela disse. – Estou esperando.

Os olhos fechados.

– Anda; fale.

Ele imóvel.

– Fale!

O jarro atingiu-o de cheio no rosto.⁷

Assim, em “Vazio”, o descompasso entre homem e mulher é representado de forma trágica. Pelas falas da mulher, pois o homem é monossilábico, percebemos tratar-se de um casamento tradicional, em que, ao homem, cabe o papel de provedor: “Mas como, Paulo, como que você pode fazer isso? Você tem família, tem eu, os meninos, você... Como?”⁸ e, à mulher, são reservados os papéis de mãe e de dona-de-casa.

O domínio discursivo de “Vazio” é a libertação do homem das forças sociais. Nessa narrativa, assistimos ao extremo cansaço do indivíduo em relação à sua rotina, tentando abandonar um presente que não lhe traz felicidade. Pela voz do narrador onisciente sabemos que, ao observar o marido imóvel na poltrona

⁵ VILELA, 2003, p. 145.

⁶ VILELA, 2003, p. 147.

⁷ VILELA, 2003, p. 147.

⁸ VILELA, 1972, p. 146.

da sala, a mulher não consegue identificar nenhuma expressão em seu rosto: ele não sorri, não medita. Ao longo do conto, através das informações dadas pelo narrador onisciente intruso, percebemos que o homem se encontra em um estado de estafa. “Aqueles olhos olhando para nada – como se, na frente deles e detrás deles, só houvesse o vazio. Eles estavam ali, naquele rosto imóvel e sem expressão, a boca muda”⁹.

A mulher de “Vazio” realmente não pode entender esse homem, que “dá o murro no trabalho”, assim como a figura masculina de “Nosso dia”, pois sua função restringe-se a cuidar da casa e dos filhos. Quando o marido diz que não vai mais trabalhar, ela lhe acena com a possibilidade de férias na praia. Temos aqui, novamente, o discurso machista que prevê uma vida estressante para o homem que trabalha e precisa sustentar a família em contrapartida às “futilidades” da figura feminina que se preocupa com toalhas novas para a mesa, lírios e viagens de férias na praia. Aqui vemos mulheres que, socialmente, não estão em nível de igualdade com os homens, pois precisam ser protegidas materialmente por eles, em decorrência de comportamentos impostos pelo regime patriarcal. A dependência econômica sempre foi um grande obstáculo para a emancipação da condição feminina. Originariamente,

[o] marido possuía tanto a sua pessoa como os seus serviços, podia alugá-la (e alugou-a) de qualquer modo que lhe aprouvesse e guardar o lucro. Era-lhe permitido processar alguém por dinheiro a ela devido, e confiscá-lo. Tudo o que a mulher adquirisse pelo seu trabalho ou herdasse sob tutela tornava-se propriedade legal do marido. Com exceção do direito de propriedade, as mulheres solteiras tinham quase tão poucos direitos legais como as casadas. O princípio tutelar, frequente na jurisprudência ocidental, colocava a mulher casada numa condição de objecto durante toda a vida. O marido passava a ser uma espécie de tutor legal, como se com o casamento ela passasse a fazer parte da categoria dos loucos e atrasados mentais, que, de um ponto de vista legal, eram também considerados como «mortos aos olhos da lei».¹⁰

Em sua dissertação de mestrado, *Da submissão à dominação: As mulheres na obra de Luiz Vilela*, Aline de Sena argumenta que, inicialmente, a mulher foi tratada como

⁹ VILELA, 2003, p. 145.

¹⁰ MILLETT, 1975, p. 15.

uma propriedade que é passada do pai para o marido. A conduta patriarcal era endossada por muitas religiões. Dentre essas, destacava-se o cristianismo, que declarava a mulher como origem do pecado. Juntamente com essa visão, foi dado à mulher um estigma, não apenas de inferior, mas de possível propagadora do mal. Caso não estivesse sob supervisão masculina, poderia causar problemas para o restante da sociedade.¹¹

Assim, o comportamento feminino era condicionado, sinalizando a preceitos de ordem religiosa, biológica e psicológica. A crença na superioridade masculina direcionou por longo tempo o relacionamento conjugal, estabelecendo as condutas da maioria dos casamentos. Ao homem cabia o papel de provedor e chefe de família; à mulher, submissão absoluta, sua ação restringia-se ao lar. A partir da década de 60, com os avanços sociais, principalmente os acarretados pelo feminismo, a mulher passa a ocupar novos papéis sociais.¹² A organização familiar recebe nova configuração, a divisão do trabalho doméstico e o cuidado com as crianças serão revistos e deixarão de ser responsabilidade exclusiva da mulher. Por outro lado, o homem deixará de ser o único responsável materialmente pela família.

Historicamente, a mulher teve que lutar para conquistar seu espaço na sociedade. Com a industrialização e ampliação do mercado de trabalho, a estrutura familiar foi se modificando, de modo que reconfigura o *status* de submissão feminina, imposta por séculos.

Nesse contexto, podemos pensar no relacionamento conjugal representado em “Catástrofe”, da coletânea *A cabeça* (2002), no qual as vozes feminina e masculina, apesar de dissonantes, equiparam-se.

No conto, cuja estrutura é totalmente organizada em forma de diálogo, o casal conversa sobre a visita de uma amiga da mulher. O maior problema é que a amiga virá acompanhada dos sete filhos pequenos. Para o homem, que diz claramente não gostar de crianças, isso seria uma verdadeira catástrofe:

¹¹ SENA, 2010, p. 28.

¹² Nesse contexto, as teorias do feminino, propostas por Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), foram de grande relevância.

– Pensa bem: sete meninos, sete meninos de três a onze anos, sete meninos engaiolados num apartamento no centro de São Paulo: de repente esses meninos são soltos, levados para o interior e despejados numa casa ampla, com jardins, quintal, bichos... O que vai acontecer?

- Não vai acontecer nada.
- Não, não vai não...
- Não vai acontecer nada.
- Eles só vão acabar com tudo.
- Imaginação sua, Artur.¹³

Percebe-se que, por opção do homem, o casal não possui filhos:

– Eu falaria: “Escuta, fulana, eu fico muito feliz de você ter se lembrado de mim e da minha casa, mas seria melhor você não vir, porque meu marido não só não aprecia visitas, como também, e principalmente, não aprecia crianças, tanto é que nós não as temos.”¹⁴

O que demonstra certa modificação sobre o papel reservado à mulher na relação matrimonial. Há outra visão masculina sobre a mulher, já não lhe cabe simplesmente a função de procriadora e esposa, é uma relação de igualdade. Além disso, ao se referir à situação econômica familiar, a mulher afirma “Nossa casa é grande; nós temos recursos, felizmente...”¹⁵, incluindo-se como proprietária dos bens do casal. Depois de muito argumentar, afirma que sairá para comprar uma lata de biscoitos para as crianças, demonstrando seu poder aquisitivo e sem o “consentimento” do marido.

Ao término do conto, a decisão é da mulher. Após a longa discussão em que o homem tenta convencê-la a inventar uma desculpa qualquer que impeça a vinda da amiga, com “as sete pragas”, como ele chama as crianças, ela simplesmente afirma: “Eu não vou fazer nada.”¹⁶ Nesse conto, é nítida a reconfiguração do papel da mulher na relação matrimonial. O homem resigna-se, conformando-se em fazer um trocadilho com a palavra “bala”, ao ser informado pela mulher de sua intenção de comprar uma lata de biscoitos para as crianças:

– Eu até vou comprar uma lata de biscoitos.

¹³ VILELA, 2002, p. 91.

¹⁴ VILELA, 2002, p. 87.

¹⁵ VILELA, 2000, p. 90.

¹⁶ VILELA, 2002, p. 92.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.14, n.2, 2016. ISSN: 2179-6793

- E eu uma caixa de balas.
- Balas? Você?...
- Balas de revólver, my dear. ¹⁷

Por sua vez, o conto “Era aqui”, da coletânea *Você verá* (2013) – último livro publicado até o momento por Luiz Vilela – tem por enredo a visita de um homem – aparentemente de mais idade, acompanhado de sua namorada, mais jovem – à cidade em que nascera. Diante de uma praça, ele relembra que ali ficava o campo de futebol no qual, quando criança, brincara. Rememora os jogos com os amigos e também ação de um antigo prefeito que, às pressas e com o intuito de se reeleger, mandara derrubar as traves para construir uma praça. Relembra que o espaço ficara abandonado até que um outro prefeito, anos depois, retomou a obra e construiu a praça. As lembranças do homem são marcadas pela desolação: trata-se de espaço de sonhos infantis rompido brutalmente por interesses políticos¹⁸. A esse universo opõe-se o relacionamento amoroso do casal em que a mulher surge como figura conciliadora, ligando o homem ao presente, e em que o caminhar “de mãos dadas”¹⁹ do homem e da mulher simboliza a compreensão e a sintonia do relacionamento amoroso.

A mulher, interlocutora de “Era aqui”, vem não só de uma geração, mas de um espaço diferente do homem, e, apesar de mais jovem, ela entende o encantamento do tempo da infância do seu parceiro. O narrador, onisciente, permite-nos conhecer os sentimentos da mulher, que “tentava, com a imaginação, participar daquelas lembranças”. Lembranças (nos informa o narrador), “[...] de um homem bem mais velho do que ela, mas com quem sintonizava exatamente por aquele seu lado sensível, aquele seu lado... Não sabia bem como dizer. Sabia – isso sim ela sabia –, sabia que o amava, que gostava muito dele...”²⁰

Em certo momento, enquanto o homem relata, a mulher atenciosamente encosta a cabeça no ombro dele:

– Era aqui – ele disse, – era aqui que o menino vinha quase toda tarde. Ele punha o calção, o gorro, pendurava o par de

¹⁷ VILELA, 2002, p. 92.

¹⁸ Para ampliação da temática da infância como espaço de reinvenção dos sonhos, conferir: Majadas (2000) e Souza (2013; 2014).

¹⁹ VILELA, 2013, p. 12.

²⁰ VILELA, 2013, p. 15.

chuteiras no ombro, e vinha. Aqui ele se encontrava com os companheiros e aqui ele corria, chutava, gritava... Ela o escutava em silêncio.²¹

A mulher de “Era aqui” é figura mediadora, trazendo a esperança de convívio harmonioso entre os sexos. Ao ver o sabiá cantando, o homem tem vontade de testar o conhecimento da mulher sobre pássaros. Mas, com receio de constrangê-la caso não saiba sua espécie, carinhosamente toma o cuidado de não perguntar. Todavia a mulher, mesmo jovem, surpreende o homem ao dizer o nome do pássaro, permitindo que ele se despeça do espaço e tempo da infância. A mulher representa o aconchego para as frustrações e para o desamor do convívio social do parceiro. Em “‘Era aqui’, ficção e sociedade em um conto de Luiz Vilela”, Rauer Ribeiro Rodrigues (2012) faz leitura semelhante e aponta o momento do reconhecimento do pássaro pela moça como epifânico, em que o homem certifica-se de seu amor e da possibilidade de futuro harmonioso ao lado da companheira:

[...] o aconchego para as frustrações está no espaço amoroso – não se trata, aqui, de um espaço familiar, pois a criança que retorna para casa chora só, sem apoio à sua dor e frustração. É com o gorjeio do sabiá, reconhecido pela moça, que o homem tem a epifania do amor e, então, o casal se irmana, virando as costas para o passado da primeira história, a do desamor, das brigas políticas, do espaço público enxovalhado pela ação dos homens públicos. Se o sabiá, na literatura brasileira, é *topos* da saudade no exílio, em Luiz Vilela é o anunciador de tempos novos, nos quais a personagem se volta para ver o passado, mas percebe que é ridículo se despedir daquele brutal tempo antigo.²²

Ao confrontar o espaço do passado com o do presente, o homem encontra amparo na mulher e presentifica o desejo de um futuro melhor. Próxima a hora de partida do ônibus à capital, apressam-se e, ao final da alameda, o homem para e volta-se com vontade de fazer um aceno de despedida ao “passado”. Sentindo que poderia ser meio ridículo, não o faz, partindo rumo à capital e ao presente com a certeza de amar e ser amado.

O homem de “Era aqui” encontra o eco de sua voz no ombro consolador da mulher e com ela seguirá rumo à civilização e enfrentará a selva

²¹ VILELA, 2013, p. 15.

²² RODRIGUES, 2012, p. 131.

capitalista “onde moravam e onde ela nascera”.²³ Assim, a mensagem de esperança na possibilidade de convivência entre homem e mulher é simbolizada na declaração de amor do homem à companheira na sua última fala do conto.

O percurso traçado por nossas protagonistas nos permite observar uma linha evolutiva para a condição feminina. De um conto para outro é nítida a modificação sócio-histórica da imagem da mulher. O *corpus* selecionado para nossa análise recria e ficcionaliza esse múltiplo universo.

Referências

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MILLETT, Kate. *Política sexual*. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição, Manuela Torres. Lisboa: Dom Quixote, 1975.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP, 2006. 2 v. xiv, 547 f. Tese (Doutorado, Estudos Literários) - FCL-Ar, Unesp. Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html>. Acesso em set. de 2015.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. "Era aqui", ficção e sociedade em um conto de Luiz Vilela. *Revista Alêre*, UFMT, Tangará da Serra, MT, v. 6, n. 6, dez. 2012, p. 123-134.

SENA, Aline de Jesus. *Da submissão à dominação: As mulheres na obra de Luiz Vilela*. Campo Grande, MS, 2010, 149 fls.. Dissertação (Mestrado, Estudos de Linguagens) — PPGMEL, UFMS.

VILELA, Luiz. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VILELA, Luiz. *No bar*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1972.

VILELA, Luiz. *Você verá*. São Paulo: Record, 2013.

Eunice Prudenciano de Souza - Bolsista de Pós-Doutorado na UFMS/CPTL (2014-2019), onde atua como professora na graduação e no PPG-Letras Mestrado e Doutorado. Doutora (2010) e Mestre (2004) em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara, onde se graduou em Letras em 2001. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Superior privado e no Ensino Fundamental e Médio de colégios públicos e privados. Atualmente é Sub-coordenadora do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela, vinculado à UFMS, *Campus* de Três Lagoas. Parecerista de diversas revistas, tem interesse nas seguintes

²³ VILELA, 2013, p. 12

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.14, n.2, 2016. ISSN: 2179-6793

áreas: Literaturas de Língua Portuguesa, Formação do Leitor Literário, Ensino de Literatura e Teorias do Conto.

Rauer Ribeiro Rodrigues - Professor Associado da UFMS, atua na área de Literatura Brasileira no Campus do Pantanal, em Corumbá, e atua como professor permanente no PPG-Letras Mestrado e Doutorado da UFMS de Três Lagoas. Integra o GT História da Literatura da ANPOLL. Coordena o Grupo de Pesquisa Luiz Vilela - GPLV (<http://gpluizvilela.blogspot.com>). Possui graduação em História (ISEPI, 1991), especialização em Literatura Comparada (UFU, 2001), doutorado em Estudos Literários (Unesp, Araraquara, 2006), e Pós-Doc (UERJ, 2012). Suas publicações voltam-se principalmente para os seguintes temas: literatura brasileira, história da literatura, literatura e ensino, teoria da literatura, conto e literatura regional de Mato Grosso do Sul. É ficcionista, com sete títulos publicados.